
A VIDA EM ÉPOCA DE BARBÁRIE – UM ANTI-HERÓI DE COETZEE NO VÉRTICE DO CONFLITO

Monique Lopes Inocencio¹

Resumo: Em uma tentativa de aproximação do método dialético da teoria crítica, o que se pretende neste artigo é uma análise da estrutura e das premissas estéticas do romance *Vida e época de Michael K*, do escritor John Maxwell Coetzee, em suas interfaces com as problemáticas sociais, históricas e políticas derivadas da modernidade e suas peculiares formas de violência institucionalizada e disseminação da barbárie. Procuramos pensar a narrativa do livro e, especialmente, a construção do protagonista, Michael K, legítimo herdeiro social e literário de seu quase homônimo, Joseph K, de *O processo* de Kafka, como uma constelação que traduz a permanente crise da modernidade e a falência da promessa de progresso proposto pela razão instrumental, que, na prática, se converteu em lastro de ruína e destruição.

Palavras-chave: Forma literária; Processo Social; John Coetzee; Crise da Modernidade.

Abstract: In an attempt to approximate the dialectic method to the critical theory, this article aims at analysing the structures and the aesthetic premisses of the novel *Life and Times of Michael K*, by John Maxwell Coetzee, in its interfaces with the social, historical and political issues derived from modernity and its peculiar forms of institutionalised violence and dissemination of barbarity. The narrative of the book and, in particular, the construction of the main character, Michael K, legitimate social and literary heir of his near homonym, Joseph K, in Kafka's *The Trial*, was conceived of as a constellation that translates the permanent crisis of modernity and the failure of the promise of progress proposed by the instrumental reason which, in practice, has converted itself in a bedrock of ruin and destruction.

Keywords: Literary form; Social Process; John Coetzee; Modernity Crisis.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: monique.inocencio@ifrj.edu.br

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo e abrir espaço.
(Ítalo Calvino – *As cidades invisíveis*)

INTRODUÇÃO

É inegável que existe atualmente uma alargada e profunda crise da representação, uma vez que vivemos, nestas primeiras décadas do século XXI, um momento histórico sugestivo de que a Literatura aparentemente não tem muito a dizer, estamos culturalmente imersos em um paradigma discursivo norteado pela imagem do cinema de massa, das telenovelas, dos seriados e dos enlatados de baixa qualidade da indústria cultural, prestadores de serviço à alienação e ao embrutecimento. No entanto, alguns poetas e ficcionistas nos mostram que o potencial da linguagem literária continua a ser poderosíssimo veículo de reflexão e intervenção sobre a realidade em que estamos imersos e que cotidianamente amplifica nossa subjetividade angustiada. Um desses autores cujas obras não se cansam de nos provocar e oferecer lentes de aumento a partir das quais podemos encarar a realidade e suas facetas mais radicalmente trágicas é John Maxwell Coetzee.

Autor de diversas obras de ficção, traduções, ensaios de crítica literária e memórias, que ultrapassam a marca de vinte títulos, ganhador do prêmio Nobel de literatura em 2003, Coetzee tem como obras artísticas mais populares e lidas os romances *Vida e época de Michael K*, *Desonra*, *À espera dos bárbaros*, *Elizabeth Costello* e um livro transgenérico, misto de biografia, romance e ensaio intitulado *A vida dos animais*. Como pessoa pública, o escritor sul-africano se fez conhecido por sua absoluta discricção, que o leva a fugir dos holofotes dos aparatos midiáticos.

Importa-nos bastante os “mecanismos internos” de sua produção literária e a capacidade de sua obra de despertar nos leitores curiosidade, espanto, comoção, e, sobretudo, uma profunda perplexidade com relação às estruturas de opressão construídas e sustentadas em nossa história recente.

Muitas das narrativas do autor possuem como cenário sua terra natal, a Cidade do Cabo. Apesar disso, há nessa produção aspectos que transcendem o universo local de uma África do Sul devastada por guerras, conflitos políticos e culturais, por preconceitos diversos e pela desigualdade social, e são capazes de alcançar a todos os homens na contemporaneidade e traduzirem a nossa condição humana atual de seres entregues aos medos, angústias, inseguranças, incertezas e estarrecimentos derivados de uma época de predomínio da indiferença como forma de convivência, da inaptidão de estados e governos em garantir qualidade de vida e gozo de direitos à maior parte dos cidadãos e de um sistema político e econômico incapaz de permitir um mínimo de dignidade e cidadania aos indivíduos e grupos sociais.

Neste trabalho, a empreitada se direciona rumo a uma leitura do romance mais premiado do autor, *Vida e época de Michael K*, sob a perspectiva do olhar arguto que o artista projeta para a banalidade da violência e da crueldade em nossa época. Não se pretendendo um ensaio filosófico ou social para o fenômeno da maldade e suas imbricações com outras tensões sociais, o livro é uma peça ficcional na qual se destacam muitas estratégias narrativas que possibilitam não apenas que reflitamos sobre o processo, mas também embarquemos junto com o protagonista da obra em sua descida aos infernos do totalitarismo, da guerra, da perversidade e do egoísmo humano.

Do ponto de vista da vida pragmática, os principais dramas representados por Coetzee no romance aqui analisado são bastante conhecidos por populações de vários países localizados na periferia e à margem do capitalismo tardio: balas perdidas (COETZEE, 2003: 18-19), o desemprego (COETZEE, 2003: 12), a falência da rede hospitalar (COETZEE, 2003: 11), a burocracia impeditiva (COETZEE, 2003: 27). Alguns outros são mais específicos do contexto de estado de exceção retratado no romance, como a necessidade de passe para poder transitar dentro do próprio país (COETZEE, 2003: 16-17).

Viajar junto com K em sua tentativa de fuga das máquinas de opressão é uma tarefa que nos faz questionar a nossa época e a validade dos discursos fáceis, das soluções prontas para os dilemas humanos. Junto com ele, iremos, aos poucos, nos dando conta de que o que nos massacra tem origens demasiadamente complexas para que possamos explicar em gráficos, tabelas, mapas, tratados, dados estatísticos, datações, ou qualquer outro método dissertativo puramente racionalista. Ao mesmo tempo em que tensiona ao limite as sequelas da violência e do autoritarismo, John Coetzee não se permite cair na esparrela sensacionalista e perigosa de fetichizar os conflitos, convertendo-os em mero espetáculo mercadológico. Sigamos, pois, na verificação dos procedimentos literários que conferem ao romance sua qualidade estética e seu compromisso ético na representação da barbárie.

INUSITADA TESSITURA PARA UMA NARRATIVA DA VIOLÊNCIA

Podemos encontrar em Michael K reverberações e ecos das vítimas dos campos de concentração nazistas, dos prisioneiros torturados pelo regime comunista na União Soviética, dos perseguidos pelas ditaduras militares nos países da América Latina, enfim, de todas as vítimas assoladas pelo rolo compressor da história em diversos tempos e espaços, trajetórias metonimizadas na figura desse despedaçado personagem produzido num constructo ficcional digno de nota. É nesse movimento simultaneamente ético e estético que o romance confirma a posição defendida por alguns estudiosos da obra de Coetzee: a de ser ele um autor que opera fundamentalmente em uma constante dialética de tornar a realidade crítica em linguagem literária.

Vida e época... foi publicado em 1983, momento em que diferentes formas de violência extremada, em suas mais diversas manifestações, já começara a ganhar notória visibilidade nos programas televisivos, no cinema, nas novelas e nos telejornais, portanto, nada há de original na temática do livro por si só. Sabemos, inclusive, que a especificidade da violência institucionalizada, assumida pelo Estado contra sua população, já havia sido trazida para

a arte muitas décadas antes com a publicação de *O processo*, do magistral Franz Kafka. O que dá mérito ao romance aqui analisado não é nenhuma novidade temática, mas a forma engenhosa, sóbria e consciente com que se narra a explosão da dor, em um mundo em que as palavras não dão conta do sentido pleno das coisas. Resta sempre uma lacuna, uma entrelinha, um silêncio, e é nesse não preenchimento que o narrador de Coetzee nos faz sentir, e talvez, nesse caso, sentir tenha mais valor do que compreender.

O primeiro aspecto interessante na estrutura do livro é a divisão da narrativa em três partes. Na primeira e na terceira parte, temos um narrador em terceira pessoa que conta, com discreta objetividade, os fatos acontecidos a Michael K num contexto em que todo o conflito histórico é desenhado a partir do sofrimento do protagonista. O narrador observador não manifesta por Michael nenhum tipo de simpatia ou comiseração, apenas relata como quem acompanha com necessário afastamento a degradação inevitável de um ser humano perdido no tempo e no espaço.

A posição deste ser que narra não é a do narrador realista clássico, detentor de todo o conhecimento sobre aquilo que conta. Ao contrário, a narrativa se faz sempre a meia luz, num jogo de claro e escuro, no qual na mesma medida em que algo nos é dito também nos é ocultado. Ao construir para sua obra um narrador que desconhece, que vela, que transfere para o papel meios tons e meias verdades, Coetzee premia o leitor com a possibilidade de preencher lacunas, de reinventar passagens, de organizar o entendimento da obra a seu modo, e isso brinda a quem lê com um exercício imaginativo constante, e, paradoxalmente, tão fascinante quanto doloroso.

Na segunda parte, o tom da narrativa é bastante diferente e quem assume o relato em primeira pessoa é um médico que atende o protagonista a fim de lhe prestar socorro. Nesse compartimento do livro, o narrador se apresenta como uma espécie de contraponto de K. Enquanto o anti-herói não possui a necessária lucidez diante da história, o médico é dotado de muita clareza a respeito do momento em que vivem, da dureza bruta da violência que os cerca, e das possíveis causas e consequências do conflito. Inteligente e perspicaz, o médico leva a reflexão ao limite, a fim de encontrar explicações e saídas para o estágio a que a civilização chegou.

Acontece que a irracionalidade da guerra é muito maior do que qualquer inteligência é capaz de alcançar, e isso faz com que esse narrador aparentemente em condições de trazer à tona as explicações e saídas, visualize em suas próprias indagações uma cavadeira implacável que apenas torna o poço ainda mais sem fundo. É como se cada tentativa de explicar o caos pelo porto seguro da razão apenas evidenciasse o quão sem sentido é a barbárie e, conseqüentemente, o quão vã é qualquer tentativa de elucidá-la.

Enquanto o paciente é, dia após dia, enclausurado por sua inescapável e profunda ignorância e incapacidade de se inserir no cotidiano, o médico é, na mesma medida, esmagado pela nulidade de suas formulações diante da dor que desumaniza, que faz com que até mesmo a generosidade não passe de um conjunto de ações repetidas por hábito, numa tentativa enganosa e ineficaz de frear o curso da brutalidade de cotidiano.

Com esta ambivalência narrativa, Coetzee escapa da tentativa de esquematizar a violência e de mostrar a saída para o nosso drama. Num contexto em que a subjetividade se encontra sem possibilidade de realização, seja porque todos os pilares sociais, políticos,

ideológicos e culturais ruíram, seja porque a consciência se encontra cansada demais para refletir, a ânsia por dar conta do fenômeno se converte em engodo e fantasia, e o autor e seus narradores, cientes disso, não se deixam seduzir por falsas apostas.

A incapacidade de compreender a realidade e o papel das próprias ações na mudança ou na perpetuação dessa realidade é, segundo Hanna Arendt, um dos fatores responsáveis pela transformação da maldade em hábito. A pensadora declara em uma conferência, aludindo a seu livro-reportagem *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*:

Há alguns anos, em um relato sobre o julgamento de Eichmann em Jerusalém, mencionei a ‘banalidade do mal’. Por mais monstruosos que fossem os atos, o agente não era nem monstruoso nem demoníaco; a única característica específica que se podia detectar em seu passado, bem como em seu comportamento durante o julgamento e o inquérito policial que o precedeu, afigurava-se como algo totalmente negativo: não se tratava de estupidez, mas de uma curiosa e bastante autêntica incapacidade de pensar.”²

No caso dos personagens de *Vida e época*, a incapacidade de pensar e de se inserir no real não é uma opção covarde ou conivente, mas resultado da própria ilogicidade a que os fatos chegaram, que não permite uma forma esquemática de reflexão, já que todo argumento esbarra com o soco no estômago que é a percepção da condição humana atual, e naufraga em sua própria inutilidade.

O cenário sobre o qual o relato de *Vida e época de Michael K* se desenrola é o de uma África do Sul completamente dominada por um regime totalitário, sobre cuja deflagração e consolidação a narrativa não se atém. No contexto em que Michael K se encontra, todos os direitos civis já não significam absolutamente nada, num universo em que a burocratização da vida atingiu o seu limite e em que a violência do Estado disputa lugar com a violência cotidiana protagonizada por cidadãos comuns, destituídos de todo espírito de coletividade e de respeito a si mesmos e aos semelhantes. Numa sociedade onde bombas são lançadas indiscriminadamente a fim de garantir o poder de um regime, não se pode esperar que as leis surtam o efeito de refrear o instinto de destruição e todas as formas de agressividade.

Apesar do muito de inexplicável que fica na narrativa, o leitor do romance dispõe de todas as ferramentas necessárias para acompanhar o processo com bastante clarividência. Graças às lentes dedicadas de dois narradores que, embora limitados pela nuvem do incompreensível, estão atentos ao que narram, é possível ao leitor embarcar junto com K rumo a sua tentativa de fuga. Fuga para onde? Para o quê? Não sabemos ao certo, mas temos convicção de que exista, em algum lugar, de alguma forma, outro modo de vida, onde os carimbos da burocracia não valham mais do que as experiências individuais, onde o barulho de canhões e fuzis não seja o som predominante, onde morrer e matar não sejam ações comuns, onde comer e beber sejam uma obviedade da natureza do corpo, e onde a distância entre sentir e saber não seja a de um abismo intransponível.

² Trecho de uma conferência ocorrida em 1970, para um público de alunos norte americanos.

MICHAEL, HERDEIRO DE JOSEPH NO REINO DA INDIFERENÇA

É impossível lermos mais atentamente a obra da qual tratamos aqui, sem dedicarmos especial atenção a seu personagem principal. Michael K. Isso porque tudo o que se passa na história tem como ponto de chegada o enfrentamento do personagem em relação ao mal absoluto que o esmaga e aniquila. Já no primeiro parágrafo do livro, Michael nos é apresentado a partir de sua inadequação, de sua anormalidade, de sua marginalidade. O nascimento e uma parte da infância do menino são apresentados com as seguintes palavras:

A primeira coisa que a parteira notou ao ajudar Michael K a sair de dentro da mãe para dentro do mundo foi que ele tinha lábio leporino. [...] Para a mãe, disse assim: “Devia ficar contente, eles dão sorte para a casa”. Mas desde o começo Anna K não gostou da boca que não fechava e da carne viva e rosada exposta para ela. [...] Como ficava magoada com os sorrisos e cochichos, manteve o menino afastado de outras crianças. Ano após ano, Michael K ficou sentado em cima de um cobertor vendo a mãe limpar o chão dos outros, aprendendo a ficar quieto. [...]. Por causa da deformação e porque não era rápido de cabeça, Michael foi tirado da escola depois de uma breve tentativa e entregue à proteção do Huis Norenus [uma espécie de orfanatos para desvalidos] na companhia de outras crianças infelizes com afecções diversas. (COETZEE, 2003: 9-10)

Após o período de convívio com outras crianças igualmente pobres e desvalidas, K aprende o ofício de jardinagem e se torna empregado de uma firma que cuida de praças e jardins públicos. Essa experiência, aparentemente sem significância e prestígio, será um dos grandes trunfos que permitirá a Michael manter a esperança na vida e não sucumbir durante o auge do regime totalitário, já que seu maior projeto é o de migrar para o campo e plantar verduras e legumes, atividade para a qual seu curso de formação em jardinagem o havia tornado apto.

Até aqui, podemos perceber se tratar de um homem absolutamente comum, anônimo, a margem do sistema, sem grandes oportunidades e dotado de privações, incluindo as de ordem biológica que a vida lhe impusera. A inicial do sobrenome (K) e o fato de não sabermos em nenhum momento que sobrenome seria começado por essa inicial nos sugerem uma alusão quase que explícita a outro “anônimo-famoso” da história da literatura ocidental, o Joseph K, de *O processo*.

Assim como no romance de Kafka, em que o protagonista acorda numa manhã comum, disposto a vivenciar mais um dia como qualquer outro de sua prosaica existência, e, de repente, se vê para sempre acorrentado por um processo que o levará à condenação e à morte, sem que se saiba jamais qual teria sido o seu crime, Michael se vê condenado à solidão, à fome, à exploração, a surras e a toda sorte de ofensas, e, por fim, também à morte, por um regime que ele desconhece por inteiro, cujos objetivos, mecanismos e origens lhe escapam.

O Joseph concebido pelo autor tcheco antecipa a tragédia histórica de milhares de pessoas que viram suas vidas completamente arruinadas e atropeladas pela violência e pela

intolerância fomentadas pelo aparato estatal burocrático do regime nazifascista. Já o Michael de Coetzee rememora essas vítimas e acrescenta às suas histórias os tons locais característicos de uma África do Sul historicamente excludente e preconceituosa, marcada por diversas guerras civis e um processo de colonização brutal.

No momento em que alcança o quão violenta e difícil se tornou, de um dia para o outro, a vida na Cidade do Cabo, Michael passa a alimentar o desejo de viajar com a mãe para a fazenda no interior, onde ela havia nascido, a fim de dar a ela uma vida mais tranquila e a possibilidade de ser enterrada no mesmo chão que seus antepassados. Impedido de viajar pelo aparato burocrático do novo regime, K decide fugir, clandestinamente, com a mãe, depois que o bairro onde vivem é atacado por um bando de criminosos, o que o leva a perceber os riscos da nova condição de vida, que une diversas formas de arbitrariedade e violência, desde aquelas praticadas pela própria polícia estatal, até as formas mais banais e cotidianas de ações criminosas.

Decidido a construir uma vida nova no campo, K dispõe de um pouco de dinheiro e um carrinho de mão, no qual pretende carregar a mãe que possui dificuldades de locomoção. Devido a uma série de acontecimentos absurdos, a mãe de Michael acaba por morrer no meio do caminho, é cremada sem qualquer comunicado ao filho nem permissão dele, e suas cinzas são entregues posteriormente a K sem maiores explicações. Tendo perdido a mãe para a morte, o jovem perde também a possibilidade de lhe dar um funeral, o que só aumenta seu espanto diante da vida e dos homens. E assim prossegue o homem de 31 anos, oprimido pela sucessão de perdas, entregue aos algozes que o irão espancar, escravizar e humilhar, sem qualquer razão que possa ser racionalmente assimilada.

As palavras do médico que narra a segunda parte do livro traduzem com nitidez os limites da personalidade de K “Não sei se vive inteiramente em nosso mundo [...]. Está preso como rebelde, mas mal sabe que existe uma guerra em curso.” (COETZEE, 2003, 152). E mais adiante acrescenta o profissional de saúde: “Não é capaz de cuidar de um jogo de dardos [...]. É uma pessoa fraca de cabeça que se viu por acaso numa zona de guerra e não teve o bom senso de ir embora.” (COETZEE, 2003, 153). O médico, em diversos momentos da narrativa, chama o protagonista de Michaels, com s no final. O que pode ser só um detalhe sem importância, um mero equívoco de nomenclatura por parte do médico, pode ser também uma sugestão de que Michael não é propriamente uma figura singular, tanto porque não possui caráter especial que lhe permita destaque no modelo de sociedade em que vive, quanto por representar um coletivo de vítimas de todas as guerras do século XX, de todos os regimes totalitários que jogaram nas covas da história (literal e metaforicamente falando) milhares de vidas que não deixaram sequer vestígio.

Em outro momento, dolorosamente inconformado com a vivência de Michael, o médico o define com ênfase em sua fragilidade, quando diz ao próprio K:

Incrível, porém, que você tenha sobrevivido trinta anos nas sombras da cidade, que tenha passado uma temporada livre e desimpedido em plena zona de guerra (...) e saído ileso, quando manter você vivo é como manter vivo um patinho mais fraco, ou o miudinho da ninhada de gatos, ou o filhotinho expulso do ninho. Sem documentos, sem dinheiro, sem família, sem amigos, sem nenhum sentido

de quem é você. O mais obscuro dos obscuros, tão obscuro que chega a ser um prodígio. (COETZEE, 2003, 166)

Por fim, o médico expõe um olhar mais condescendente e generoso para Michael, ao dizer para K:

Você é precioso, Michaels, do seu jeito; é o último da sua classe, uma criatura que sobrou de uma era anterior, como o celacanto, ou o último homem que falava a língua Yaqui. Nós todos tropeçamos e caímos dentro do caldeirão da história: só você, ao seguir sua luz idiota [...], ao escapar da paz e da guerra, ao se esconder no aberto onde ninguém sonharia olhar, conseguiu sobreviver do jeito antigo, flutuando pelo tempo [...]. (COETZEE, 2003: 176).

Assim como os dois Ks, o de Kafka e o de Coetzee, há na literatura uma imensa galeria de personagens que condensam em suas trajetórias essa condição de estar jogados à própria sorte, condenados a uma vida dura por um sistema de coisas por eles desconhecido. Na literatura brasileira, bastam-nos citar Fabiano e Sinhá Vitória, do *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, abandonados em meio à seca dilacerante do sertão, da qual não conseguem escapar, e pela qual são assolados até o fim, sem que lhes seja fornecido qualquer explicação do porquê da inescapabilidade de sua condição de retirantes pobres e inteiramente à margem.

Podemos mencionar, ainda, a Macabéa de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que se iguala a Michael na sua incapacidade de compreender as engrenagens do sistema social e do processo histórico em que está inserida, bem como na ingenuidade de sua forma de lidar com o mundo que a devora.

Outro personagem dessa mesma linhagem é o Quincas Borba, do romance homônimo de Machado de Assis, que, colocado em uma situação aparentemente privilegiada, é completamente esmagado pelas pessoas e pelo contexto social em que está inserido, e, já destituído da lucidez necessária à compreensão mínima das coisas, morre “como um cão”, pobre e solitário em sua cidade de origem. Não parariamos de listar se fôssemos persistir na tarefa de enumerar aqui os parentes espirituais de Joseph e Michael, criados por diversos autores desde o Dom Quixote de Cervantes.

Com exceção do citado protagonista cervantino, todos os demais personagens mencionados têm suas agruras intensificadas pela cultura da indiferença, aqui entendida conforme descreveu o professor Ronaldo Lima Lins, em seu livro-ensaio *A indiferença pós-moderna* (2006), no qual afirma ser a indiferença um tipo de comportamento que permeou a história humana em diferentes momentos, mas que, do século XX em diante se tornou uma espécie de norma social, dentro de cuja lógica não faz sentido contemplar o outro e a sua dor. Ao contrário, o indivíduo passa a construir mundos particulares, e neste isolamento se sente mais protegido do mal que a qualquer instante pode se revelar.

A possibilidade de realização iminente da violência, seja ela exercida por regimes ditatoriais que se impõem repentinamente, seja exercida por cidadãos civis contra outros cidadãos, desperta como forma de defesa o isolamento e a escassez total de solidariedade. No caso de *Vida e época* essa indiferença para com o sofrimento alheio é o que faz com que os

algozes que prendem K, fiéis cumpridores de seus deveres, não percebiam sua fome e sua doença, considerando-o apto para o trabalho forçado e para as atividades militares. O contraponto da indiferença figura em dois momentos decisivos da obra: primeiro, no profundo afeto que Michael sente por sua mãe. Com todas as suas limitações e percalços, o personagem sente amor verdadeiro e confessa pela mãe, o que o move a se sacrificar pelo bem estar dela, e o faz sentir sua perda como uma derrota. Num universo em que todos os afetos se esvaem, o amor filial assumido se revela uma saída interessante contra a banalidade generalizada dos sentimentos.

Outro momento igualmente contrapositivo à indiferença é justamente a relação do médico narrador da segunda parte com o paciente Michael. Na condição de médico-oficial do exército sul-africano, esse profissional poderia olhar para todos os pacientes com a neutralidade comum aos fiéis servidores do aparato estatal. Porém, não se sabe exatamente o motivo, o médico desenvolve por K uma profunda simpatia, que faz com que ele penetre na psiquê do jovem Michael, reconhecendo suas limitações, e manifeste em relação a ele um comportamento solidário e afetivo, em meio a todo o tumulto de uma enfermaria em que “mais entram do que saem doentes”.

O autor tece na obra estas duas grandes possibilidades de realização de bons sentimentos, e do que de construtivo pode nascer deles, todavia, não se permite emaranhar-se pelos lugares comuns que têm como base a ideia de que o amor redime, salva e transforma, discurso que se revelaria inteiramente inverossímil no contexto geral da obra. O amor de K pela mãe não a impede de morrer após muito sofrimento causado pela doença e por uma vida inteira de dificuldades de todas as ordens, ao longo de anos a fio de trabalho duro e mal remunerado.

Do mesmo modo, a simpatia e o afeto do médico não tornou melhor a condição do paciente, que vê na internação só mais uma forma de cerceamento e opressão da burocracia instaurada, experiência que ele já tinha visto de perto quando da internação de sua mãe em um hospital com péssima estrutura, sem capacidade alguma para recuperar pacientes, cujo desfecho foi a morte e cremação sem sequer um comunicado ao parente mais próximo. A aposta parcial no amor e na benevolência entre os homens aponta para um caráter dialético da obra. Se de um lado verificamos a recusa consciente do autor em aceitar as soluções imediatas, por outro, a narrativa nos permite enxergar frestas abertas para a esperança em um outro mundo, em outras formas de vida e de convivência mais humanas e construtivas. É o que veremos adiante.

A COLHER E A GOTA, OU UMA FRESTA ABERTA PARA A INFINITA ESPERANÇA

Segundo Max Brod, amigo de Kafka e editor de suas obras, o escritor tcheco afirmara que “Há infinita esperança, mas não para nós.”. A frase atribuída a Kafka guarda em si perfeita harmonia com o messianismo judaico, segundo o qual a solução para os dramas humanos se realizará com a chegada do Messias prometido por Deus na Torah. Complementando a ideia de que o Messias é o salvador definitivo, há na tradição judaica o princípio de que não se pode especular, confabular ou imaginar como seria o reinado do Messias, porque

isso seria um duplo pecado, já que antecipa o projeto divino e tenta formar uma imagem do divino, que é, para o judeus, inquestionavelmente irrepresentável.

De acordo com Michel Löwy, (LÖWY, 1989) há por parte de alguns pensadores judeus não religiosos, dentre os quais ele situa Kafka, Adorno, Benjamin e o próprio Marx, uma espécie de “utopia da redenção”, resumida na crença de que o ser humano será capaz, por sua própria conta, de tornar possível sua redenção, de inaugurar novas formas de relação, mais justas, mais afetivas, por um mundo melhor. Igualmente judaica seria a noção de que, mesmo se tratando de uma redenção materialista, profana, realizada por mãos humanas, a utopia de um mundo melhor é algo que não se pode previamente representar, antecipar, criar imagens, formular hipóteses, já que o curso da história e o somatório das lutas é que vão dizer que mundo novo nos espera.

Valendo-me desta ideia de “infinita esperança” kafkiana, judaicamente imprevisível, irrepresentável, percebo que há, no percurso do drama vivido por Michael K, uma fresta aberta para a *infinita esperança*. Ao mesmo tempo em que a obra é marcada por uma melancolia profunda, fruto de um mal estar irremediável com nosso presente histórico, há em diversos momentos a indicação de que poderíamos ser outros, de que a violência, a fome, o desencanto e morte bruta não são nossas únicas alternativas.

Michael K alimenta a esperança convicta no cultivo da terra, que ele até iniciara antes de ser definitivamente preso pelos “homens do regime”. Depois de perder a mãe e continuar sua caminhada rumo ao interior, após muita fome, sede e frio, eis que o protagonista encontra umas sementes de abóbora, próximo a uma região árida e de difícil cultivo. Recusando-se a abrir mão do objeto de sua esperança, K se põe a cultivar a terra, comendo mal e dormindo mal, porém, plantando e regando com a disciplina de quem acredita no sucesso da empreitada. A alegria do personagem quando os brotos de abóbora começam a apontar no solo é sublime, e incomparável a todas as outras passagens do romance. Essa expectativa de K, ainda que tenha sido podada pela prisão do agricultor em potencial, revela o quão afetuoso e verdadeiramente subversivo é o gesto.

Apesar de parecer ingênua a esperança no cultivo da terra em um mundo devastado, a relação do personagem com a germinação das sementes permite a interpretação do solo enquanto metáfora, ou, mais que isso, enquanto alegoria de um estado de coisas do qual sempre pode brotar algo novo, tal como a flor de Drummond que brotou do asfalto.

A esse respeito é necessário ter especial atenção, pois não podemos acreditar que é possível encontrar na obra de John Coetzee uma apologia do campo como um lócus ameno, em contraponto à caótica urbe. No romance de que tratamos aqui, não há idealizações românticas ou árcades a respeito de uma fictícia vida pastoril, ou do modo de vida rosseauneanamente selvagem. O campo aqui pode ser encarado como uma alegoria, como uma condição simbólica de existência na qual a violência e o arbítrio não sejam as normas.

A última cena do romance é narrada via discurso indireto livre e expressa o pensamento de Michael, preso, prestes a morrer “como um cão” a respeito de sua convicção de que a terra poderia ser frutífera, de que a vida poderia ter dado certo. Diz o narrador:

Pensou na fazenda, nos espinheiros cinzentos, no solo rochoso, no anel de montanhas [...] na terra cinzenta e marrom debaixo do sol, a não ser aqui e ali, onde,

olhando com cuidado, se vê uma pontinha de verde-vivo, uma folha de abóbora ou de cenoura.

Não parecia impossível que fosse lá quem fosse que desrespeitasse o toque de recolher para vir, quando queira, para vir dormir ali naquele canto fedido [...]. Podia dividir sua cama essa noite. [...] De manhã, com a primeira luz, podiam sair procurando nas vielas um carrinho abandonado, e, às dez da manhã os dois podiam estar rodando pelas estradas, lembrando-se de parar no caminho para comprar sementes.

E se o velho se esticasse e olhasse onde a bomba de água ficava antes de os soldados explodirem, de forma a não deixar nada em pé e reclamasse dizendo: “Como é que a gente vai fazer com a água?”, ele, Michael K, tiraria uma colher de chá do bolso, uma colher de chá e um grande rolo de barbante. Limparia o cascalho da boca do poço, entortaria o cabo da colher de chá feito um aro e amarraria nele o barbante, baixaria aquilo pelo poço fundo na terra, e quando puxasse para cima haveria água no bojo da colher; e desse jeito, diria, dá para viver. (COETZEE, 2003, 210-211)

Olhando por uma ótica denotativa, logicamente concluiremos quão quixotesca é a crença de K. Evidentemente, não dá para viver com a gota de água extraída na colher, entretanto, as imagens da colher e da gota remetem ao que fica de utopia na obra. O cultivo do solo é o *alter* do curso da história, é a possibilidade da redenção inominável, para a qual Coetzee não aponta, mas também não fecha inteiramente as portas, ficando, então, uma fresta aberta para uma esperança infinita em um mundo outro.

Nas palavras do médico, a terra em que K acredita, não é o solo dos campos inférteis e destruídos do interior de uma África do Sul pós-guerra, e sim um *locus* imaginário, intocável, que só existe na imaginação de Michael. Diz o médico a K:

Deixe eu falar do sentido de sua sagrada e sedutora plantação que floresce no coração do deserto e produz a comida da vida. A plantação para a qual você está indo agora está em nenhum lugar e em todo lugar, menos nos campos. Ela é outro nome para o único lugar onde você se integra, Michaels, onde você não se sente sem tempo. Está fora de todos os mapas, nenhuma estrada que seja só uma estrada leva até ela, e só você sabe o caminho. (COETZEE, 2003, 192)

Talvez a melhor maneira de lidar com a tragicidade de nossa época consista em dois movimentos: conter a ansiedade e intensificar a reflexão. Pode ser que, livres da ansiedade que nos conduz sempre à ilusão das medidas imediatas e superficiais, e intensificando a reflexão, iremos alcançar a estrada para as plantações de abóboras, cenouras, e abacates, para o paraíso onde a terra é fértil, onde bombas jamais serão lançadas, pois o curso da história será outro, e as relações humanas ainda mais outras. Por enquanto, já que ninguém sabe o caminho, fiquemos atentos aos desfechos dos Ks, que nos ensinam sempre que a esperança

é infinita, embora os tempos sejam sombrios, e há algo para além da vergonha que sempre sobrevive a eles.

CONCLUSÃO

Ítalo Calvino afirma em *Por que ler os clássicos?* que “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, e acrescenta:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 2002, p. 11)

Não se sabe o que a posteridade dirá da obra de John M. Coetzee, de modo geral, nem do romance *Vida e época de Michael K*, em particular. O que posso afirmar no presente é que a validade da leitura desta obra está naquilo que ela faz emergir de reflexão e de mergulho crítico em nossa época. Além do mais, ler os livros de Coetzee é uma experiência que nos traz de volta sensações já despertadas por outras obras da tradição, e é nesse movimento dialógico e polifônico que vivenciamos a experiência de lermos ao mesmo tempo em que relemos. Nas páginas de *Michael K*, reencontramos Kafka e Beckett e outros grandes autores da tradição moderna, nas mesmas linhas em que nos deparamos com os dilemas todos de nossa época (e não só os dos anos 80, momento de produção da obra, mas também deste conturbado início de século XXI).

E é nessa possibilidade de ler e reler que se configura a fecundidade da obra, que, apesar de não nos garantir a compreensão plena do presente, em sua altíssima complexidade, nos permite mais: esboçarmos nossa própria estrada rumo aos campos férteis, e, junto com Michael, plantarmos nossas próprias sementes de abóbora, e preservar, e abrir espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, André. *Formas da Crise*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COETZEE, J. M. *Vida e época de Michael K*. Trad. José Rubens Siqueira, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. 24 v.

KAFKA, Franz. *O Processo*. Tradução e posfácio: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KAFKA, Franz. *O castelo*. Tradução e posfácio: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LINS, Ronaldo Lima. *A indiferença pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa central* (um estudo de afinidade eletiva). Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

